

DATA DE
RECEPCIÓN:
13/09/2018

DATA DE
ACEPTACIÓN:
24/04/2019

A LITERATURA INFANTIL NO GALINHEIRO:
NUANCES POÉTICAS EM *A GALINHA QUE BOTAVA BATATAS*,
DE SIMONE PEDERSEN

LA LITERATURA INFANTIL EN EL GALLINERO:
NUANCES POÉTICAS EN *A GALINHA QUE BOTAVA BATATAS*,
DE SIMONE PEDERSEN

THE LITERATURE FOR CHILDREN IN THE HENHOUSE:
POETIC NUANCES IN *THE CHICKEN THAT PUT POTATOES*,
BY SIMONE PEDERSEN

João Paulo Hergesel

Universidade de Sorocaba (Brasil)

jp_hergesel@hotmail.com



Resumo: A literatura infantojuvenil é indispensável para a formação cognitiva, comunicativa, psicológica e crítica do jovem leitor, além de contribuir para a formação social, histórica, linguística e cultural do cidadão. Com base nisso, este trabalho teve como objetivo analisar a obra *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen (2011), tendo em vista um questionamento sobre a contribuição educativa e cultural que essa produção pode oferecer ao cenário artístico/educacional brasileiro, em especial às atividades em sala de aula. Por meio de uma análise narrativa e estilística, ancorada nos estudos de Cândida Vilares Gancho, Kátia Brädling e Roxane Rojo, fez-se necessário verificar as contribuições de Simone Pedersen para a literatura infantojuvenil contemporânea brasileira; observar as dimensões comunicativas do discurso apresentado em *A galinha que botava batatas*; e explorar as mediações culturais da narrativa da respectiva obra. As considerações finais apontaram que trabalhar a literatura infantojuvenil em sala de aula é sinônimo de explorar as dimensões artísticas, históricas, políticas, sociais e culturais da obra.

Palavras-chave: Comunicação; Cultura; Literatura; Narrativa; Estilo.

Resumen: La Literatura Infantil y Juvenil es indispensable para la formación cognitiva, comunicativa, psicológica y crítica del joven lector, además de contribuir a la formación social, histórica, lingüística y cultural del ciudadano. Este trabajo tuvo como objetivo analizar la obra *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen (2011), teniendo en vista un cuestionamiento sobre la contribución educativa y cultural que esa producción puede ofrecer al escenario artístico/educativo brasileño, en especial a las actividades en la escuela. Por medio de un análisis narrativo y estilístico, anclado en los estudios de Cândida Vilares Gancho, Kátia Brädling y Roxane Rojo, se hizo necesario verificar las contribuciones de Simone Pedersen a la literatura infantojuvenil contemporánea brasileña; observar las dimensiones comunicativas del discurso presentado en *A galinha que botava batatas*; y explorar las mediaciones culturales de la narrativa de la respectiva obra. Las consideraciones finales apuntaron que trabajar la literatura infantojuvenil en el aula es sinónimo de explorar las dimensiones artísticas, históricas, políticas, sociales y culturales de la obra.

Palabras clave: Comunicación; Cultura; Literatura; Narrativa; Estilo.

Abstract: Young Adult and Children's Literature is indispensable for the cognitive, communicative, psychological and critical formation of the young reader, besides contributing to the social, historical, linguistic and cultural formation of the citizen. Based on this, the objective of this work was to analyze Simone Pedersen's *The Chicken That Put Potatoes* (2011), with a view to questioning the educational and cultural contribution that this production can offer to the Brazilian artistic/educational scene, especially to the classroom activities. class. Through a narrative and stylistic analysis, anchored in the studies of Candida Vilares Gancho, Kátia Brädling and Roxane Rojo, it was necessary to verify the contributions of Simone Pedersen to contemporary Brazilian children's literature; to observe the communicative dimensions of the speech presented in *The Chicken That Put Potatoes*; and explore the cultural mediations of the narrative of the respective work. The final considerations pointed out that working in children's literature in the classroom is synonymous with exploring the artistic, historical, political, social and cultural dimensions of the work.

Keywords: Communication; Culture; Literature; Narrative; Style.

Hergesel, João Paulo (2019).

"A literatura infantil no galinheiro:

nuances poéticas em *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen".

Elos. Revista de Literatura Infantil e Juvenil, 6, "Notas", 99-115. ISSN 2386 -7620.

DOI <http://dx.doi.org/10.15304/elos.6.5451>

Introdução

A obra *A galinha que botava batatas*, publicada em 2011 pela Fundação Dorina Nowill para Cegos, conta o mistério que a menina Miranda precisa solucionar a respeito de uma das galinhas de sua fazenda ter supostamente botado uma batata; a profissional que assina a autoria do texto, Simone Pedersen, é doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e coordena a Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ) no Estado de São Paulo.

Após uma leitura atenciosa do respectivo livro, surgiu o questionamento: qual é a contribuição educativa e cultural que essa produção pode oferecer ao cenário artístico/educacional brasileiro, em especial às atividades em sala de aula? Além disso, considerou-se o fato de a obra ter sido produzida no contexto da escrita feminina, por uma autora fortemente premiada em concursos literários¹ e com obras comumente adotadas em instituições escolares para fins paradidáticos.

Ao utilizar as palavras-chave “A galinha que botava batatas” e “Simone Pedersen” em bases de pesquisa como Periódicos Capes² e Google Acadêmico³, durante a primeira semana de 2018, constatou-se que ainda não existem estudos científicos a respeito da autora e/ou sua obra. Tal resultado aponta a necessidade de se criar material acadêmico adotando-as como sujeito e objeto de estudo.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo geral analisar a obra *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen, a partir dos estudos sobre narrativa. Em complementação, sustentam-se como objetivos específicos: verificar as contribuições de Simone Pedersen para a literatura infantojuvenil contemporânea brasileira (contexto de produção); observar as dimensões comunicativas do discurso apresentado em *A galinha que botava batatas* (contexto da poética); e explorar as possíveis mediações culturais da narrativa da respectiva obra (contexto da fruição).

Sabe-se que a literatura infantojuvenil é indispensável para a formação cognitiva, comunicativa, psicológica e crítica do jovem leitor, além de contribuir para a formação social, histórica, linguística e cultural do cidadão. Por isso, uma análise que vise a investigar o potencial comunicativo e a relevância cultural de uma obra contemporânea nacional dedicada a esse público mostra-se como exercício de significativa colaboração para fomentar os estudos acadêmicos.

¹ Dentre suas premiações, destacam-se as lúreas: da União Brasileira de Escritores, do SESC-DF, da Fundação Nacional de Literatura Infantil e Juvenil e do Catálogo de Bolonha.

² Disponível em: <<https://goo.gl/dLU141>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

³ Disponível em: <<https://goo.gl/d2Kikd>>. Acesso em: 14 ago. 2018.



A literatura infantil no galinheiro: nuances poéticas em *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen

Para que se atinjam os resultados esperados, este trabalho faz três movimentações: primeiramente, discute-se a relevância de Simone Pedersen para o cenário cultural nacional, com base em fontes documentais acerca de seu nome; em seguida, analisa-se narrativa e estilisticamente a obra *A galinha que botava batatas*, fundamentando-se nos estudos narratológicos; e, por fim, checa-se a inserção de assuntos socioculturais na obra, alicerçando-se em estudos específicos sobre cada assunto.

As análises narrativas e estilísticas são objeto de estudo de teóricos como Walter Benjamin (1994) e Tzvetan Todorov (1982), dentre outros. Tais discussões são constantemente revisitadas, dentre tantos profissionais, pela autora Candida Vilares Gancho (2002), cujas anotações sustentam este trabalho. Ademais, buscam-se registros documentais extraídos de *websites* e portais eletrônicos, fontes de consulta necessárias devido ao tema.

Fundamentação teórica: a literatura infantojuvenil no Brasil

Apoiando-se em Kátia Brädling (2003) e Roxane Rojo (2004), defende-se que a leitura é o fenômeno que forma o cidadão linguística, cultural, social e historicamente, por desenvolver as capacidades cognitivas, psicológicas, intelectuais e criativas. No entanto, para que se obtenha êxito na formação de leitores, é necessário que exista contextualização. Para cumprir essa função com maestria, há a necessidade de se investigar como se forma a literatura infantojuvenil.

Algumas pesquisas (Morais, 2006; Amorim, 2008) mostram que o senso comum de que crianças e adolescentes não leem é errôneo, uma vez que mais de 80% desse grupo é um leitor ativo. O que existe, no entanto, é a falta de acesso e incentivo à leitura, muitas vezes provocados por indicações inadequadas de livros que não condizem com a faixa etária e os anseios do jovem. Para que se formem leitores, contudo, é preciso, mais do que avaliar a qualidade da obra dentro de um contexto artístico-cultural, considerar o contexto de vida do público que a apreciará. Somente com identificação e empatia, o leitor jovem poderá se sentir deleitado pela obra e avançar na procura por outros livros com estilo equivalente.

É indiscutível, portanto, que a literatura infantojuvenil torna-se indispensável como objeto de contribuição à formação de leitores, além de contribuir para o desenvolvimento do jovem cidadão. Por isso, uma análise que vise a investigar o potencial comunicativo e a relevância cultural

de uma obra contemporânea nacional dedicada a esse público mostra-se como exercício de significativa colaboração para fomentar os estudos acadêmicos a esse respeito.

Ponderações sobre as narrativas infantojuvenis

O ser humano, desde sua noção de existência em meados da Pré-História, encontra nas narrativas uma forma de comunicação. Salvo ruídos e grunhidos, os homens e as mulheres das cavernas registravam suas caçadas, seus relacionamentos e seus pavores por meio de pinturas nas superfícies rochosas. Esse modo de condensar histórias, ainda que de forma não verbalizada, talvez seja a primeira manifestação de perenizar elementos culturais por intermédio da narrativa.

Com o tempo e a aquisição da fala, o ser humano passou a construir narrativas orais: de um lado, os camponeses repassavam, de geração em geração, as histórias de vida e lendas de seu vilarejo, mantendo vivas suas tradições; de outro, os marujos encantavam com as histórias de aventura que viviam em suas viagens, trazendo ao povo uma possibilidade de imersão naquilo a que não se estava habituado. Como defende Vera França (2006), a narrativa está presente, desde sempre, no dia a dia das pessoas.

Segundo Walter Benjamin (1994), esse movimento de configurar dados, fatos e crenças em histórias, isto é, transformar a informação em narrativa é que possibilitou a perpetuação do pensamento. Para Beatriz Bretas (2006), que explora essa linha de raciocínio, a narrativa, desde os seus primórdios, surgiu como uma maneira encontrada para poetizar a teatralidade prosaica do cotidiano. Além disso, a partir do estudo de Bruno Leal (2006), é possível afirmar que a narrativa é capaz de estabelecer uma relação midiática entre os vínculos sociais e possibilitar a manifestação dos sujeitos.

Detentora de cargas culturais e de potências comunicativas, a narrativa conquistou a atenção de grandes pensadores e ganhou um campo de estudo para si: a Narratologia, apresentada por Tzvetan Todorov (1982). Citadas desde o século IV a.C., nos estudos de Aristóteles (2005), as narrativas se configuram como produto cultural que consiste em enunciar a apresentação de um caso, prosseguido por um conflito, acarretando no decorrimento de ações, direcionando-se a um ponto culminante que se desprende na resolução desse emaranhado.

As narrativas infantojuvenis, por sua vez, consistem na criação artística e/ou cultural (livros, filmes, séries, telenovelas, etc.) destinada a crianças e adolescentes. A relevância de produções pensadas e realizadas para essa faixa etária, como previamente mencionado, encontra-se



A literatura infantil no galinheiro:
nuances poéticas em *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen

na possível contribuição linguística, histórica, sociopolítica e artístico-cultural que elas oferecem, além de colaborarem, de forma direta ou indireta, com a formação cognitiva, intelectual, criativa e psicológica dos jovens espectadores/consumidores.

Inicialmente, na chamada literatura primordial, as narrativas não eram separadas por público-alvo: as mesmas histórias apreciadas pelos adultos, em reuniões e rodas de conversas, acabavam sendo apresentadas às crianças. Na Idade Média, porém, alguns autores perceberam que determinados enredos pareciam atrair mais a atenção dos jovens; começou, então, a produção de conteúdo priorizando essa faixa etária.

A princípio, as histórias envolvendo fantasia – sobretudo mitos e fábulas – foram adaptadas para uma linguagem mais simples, mas se mantinham na oralidade; aos livros, cabiam o caráter didático, educativo, moralizante. Como mostra João Batista Melo (2011), no século XVII, chegaram a se publicar alguns livros para adultos, dentro dessa linhagem fantasiosa, que, posteriormente, tornaram-se o cerne da literatura infantojuvenil, como é o caso de *As fábulas*, do francês La Fontaine, publicado em 1668, e *Contos da Mãe Gansa*, do também francês Charles Perrault (1628-1703), publicado em 1691/1697.

Segundo Melo (2011), no século XVII, outros livros – como *Robinson Crusóé*, do inglês Daniel Defoe, publicado em 1719, e *Viagens de Gulliver*, do irlandês Jonathan Swift, publicado em 1726 – traziam elementos de aventura que angariavam leitores mais jovens. Contudo, somente no início da Idade Contemporânea, alguns escritores – destacamos Hans Christian Andersen (1805-1875), na Dinamarca, e Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), na Alemanha – tiveram as crianças como seu público-alvo e ajudaram a popularizar, em texto escrito, o que se contava a elas, sem fins exclusivamente pedagógicos.

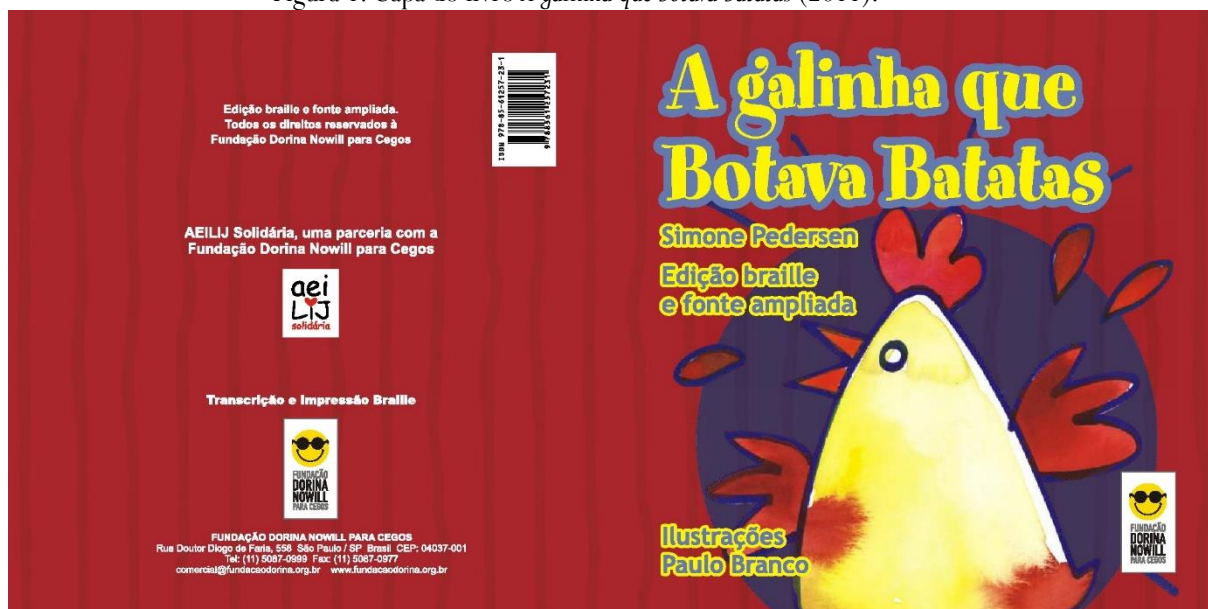
No Brasil, até o início do século XX, esse segmento era representado pela literatura europeia, geralmente traduzida em Portugal. Apenas na fase conhecida como Pré-Modernismo, que funcionou como uma transição entre o simbolismo e o movimento modernista, as histórias nacionais para crianças se tornaram evidentes. Como pontua Marcia A. Paganini Cavéquia (2010), o grande marco da produção literária infantojuvenil brasileira, propiciando uma revolução no mercado editorial, foi *A menina do nariz arrebitado*, de Monteiro Lobato, em 1921.

Em suma, a literatura infantojuvenil surgiu “da arte de recriar as fantasias da memória popular” (Lima, 2007: 1). No contemporâneo, esse gênero já se consolidou e tem gerado produções afortunadas. Neste trabalho, optou-se por analisar o livro *A galinha que botava batatas*



(Figura 1) por ser uma indicação da Fundação Dorina Nowill para Cegos, que cuidou de elaborar uma versão adaptada para crianças portadoras de deficiência visual.

Figura 1. Capa do livro *A galinha que botava batatas* (2011).



Fonte: Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ).

Disponível em: <http://www.aeilij.org.br/associados/detalhe/624>. Acesso em: 04 maio 2019.

104

Além de o livro ter sido impresso em letras ampliadas e no sistema braille, sua narrativa traz contribuições linguísticas, como criações lexicais, e dimensões sociais, como discussões sobre maternidade e ruralismo. Também é necessário ressaltar a relevância da autora, em seus projetos e contribuições, para a literatura infantojuvenil brasileira contemporânea.



A escritora Simone Pedersen é doutoranda em educação na UNESP, mestra em Educação pela PUCC, especialista em Teoria Social Cognitiva pela UNICAMP e graduada em Direito pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo. Coordena a AEILIJ – Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil no Estado de São Paulo. Escritora e poeta, ministra palestras e cursos de Formação de Professores sobre Literatura, Seleção de Obras, Mediação Literária, Estratégias de Leitura e Escrita Criativa. Atuou como jurada em diversos certames literários, entre eles o Desafio dos Escritores – DF. Até maio de 2019, havia publicado 32 livros para o público infantil e juvenil e 11 para adultos.

Além disso, Pedersen é membro-fundadora do Clube de Escritores de Vinhedo, e participa de várias academias literárias. Foi cronista de jornais e revistas literárias. Contou história para mais de 9 mil crianças até essa data, em escolas e eventos literários. Recebeu dezenas de prêmios literários com contos, crônicas e poesias para o público adultos e infantojuvenil. Em destaque, teve

A literatura infantil no galinheiro:
nuances poéticas em *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen

livros agraciados com o primeiro lugar de contos para adultos e história infantil da União Brasileira de Escritores, SESC-DF, PNBE, PNAIC, Selo da FNLIJ, Catálogo da Biblioteca de São Paulo, Catálogo Diversidades de Belo Horizonte e Catálogo de Bolonha, entre outros.

Apontamentos sobre o estudo do estilo

Estilo, na etimologia da palavra (*stilus*, em latim), corresponde ao artefato pontiagudo utilizado para escrever em tabuletas de madeira enceradas exclusivamente para esse fim. Com o passar do tempo, esse significado se expandiu – em francês, por exemplo, *stylo* é o termo utilizado para se referir à caneta. Na língua portuguesa, dizemos que estilo é o conjunto de marcas e fatores que particulariza uma criação.

Se um texto se encontra no domínio jurídico, ou literário, ou jornalístico; se uma obra apresenta modo de organização descritivo, ou narrativo, ou argumentativo; se um fenômeno está manifestado na oralidade, ou na escrita, ou no pictórico; se um produto faz uso da modalidade verbal, ou do audiovisual, ou da hipermídia... independentemente das características, os recursos expressivos do objeto só são percebidos por meio do estilo.

Para Nilce Sant'Anna Martins (2008: 35), a Estilística, enquanto campo de pesquisa dedicado ao estudos do estilo, não pode ser totalmente desvinculada de outras análises sobre a manifestação da linguagem realizadas em séculos passados. Baseando-nos na autora, assumimos que a retomada da Retórica (Aristóteles, 2005) torna-se essencial para uma total compreensão sobre os estudos estilísticos.

Registradas no século IV a.C., algumas definições encaixaram a Retórica como a arte que não é sinônimo de persuasão, mas de discernimento para verificar os meios de persuasão para cada caso; resumidamente, o objetivo da Retórica era formar um juízo. Dentre os propósitos da Retórica, estão: tornar o ouvinte favorável pela causa e desfavorável ao adversário; amplificar ou minimizar; despertar o lado emocional do ouvinte/interlocutor; e recapitular o exposto.

A proximidade entre as disciplinas levou Pierre Guiraud (1978: 31) a afirmar que “a retórica é a estilística dos antigos”; entretanto, a função do estilo de provocar afeto, envolver, acarinhar, é sobreposta, na Retórica, pela funcionalidade de provocar persuasão. A Poética (Aristóteles, 1999), por sua vez, em complementação, trabalha com a expansão dos olhares acerca desse conteúdo, aplicando algumas reflexões à obra de caráter prioritariamente artístico.



Na tentativa de elevar o nível de expressividade e enlaçar, de algum modo, os sentimentos dos interlocutores, o uso de elementos estilísticos são abordados pela construção poética. Aristóteles, não obstante, “ordena, divide, subdivide os múltiplos elementos da arte oratória e da poética, mas não se detém numa classificação pormenorizada das figuras de linguagem” (Martins, 2008: 37). Essa troca entre afeto e expressividade é retomada e expandida pelo linguista francês Charles Bally (1905; 1909), sob o nome de *Estilística*, no início do século XX.

De forma sintetizada, dizemos que a Estilística aborda os fatos expressivos da linguagem selecionada de acordo com seu conteúdo emocional, como a expressão dos fatos da sensibilidade através da linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade. Ao mesmo tempo em que Bally exercitava suas análises na relação entre a língua e o ato social proporcionado, Leo Spitzer (1968) analisava a relação entre a linguagem e sua manifestação na literatura⁴.

Neste trabalho, a concentração dos estudos estilísticos ocorre com base nas figuras de linguagem aplicadas ao texto verbal escrito. Por meio desses mecanismos linguísticos, acredita-se ser possível investigar a fonologia, o léxico, a sintaxe e a semântica particular da obra, em seus jogos de palavras e artimanhas para produzir efeitos que tendam gerar nuances poéticas, extrapolando a linearidade discursiva e dialogando de forma mais harmoniosa com o jovem leitor.

Metodologia: a análise de narrativas infantojuvenis



“É combinando textos que os leitores podem descobrir afinidades, ritmos e estilos que construirão sua vivência literária” (O’Sagae, 2008: 1). Com essa citação, percebe-se que as obras literárias têm uma relevância notória na constituição do pensamento crítico do leitor, quando ele passa a considerar não somente o livro em si, mas a relação que ele apresenta com outros textos.

Com as narrativas infantojuvenis, ocorre um movimento semelhante: são histórias que dialoguem com o universo da criança ou do adolescente que lhes oferecerá o deleite em explorar novas obras. A respeito disso, Maria do Rosário Mortatti Magnani (1994) enfatiza que o gosto pela leitura está relacionado às necessidades, ao tempo e ao espaço em que as pessoas se movimentam.

⁴ Posteriormente a isso, surgiram diversas vertentes da Estilística, tais como: estilística estrutural; estilística funcional; estilística retórica; estilística gerativa; estilística estatística; estilística poética; estilística semiótica; estilística sociolinguística; estilística da enunciação; e estilística do enunciado. Mais informações a esse respeito encontram-se compiladas em Hergesel e Ferraraz (2017).

A literatura infantil no galinheiro:
nuances poéticas em *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen

Esta pesquisa, portanto, teve um objetivo inicial exploratório, propondo um levantamento dos assuntos apresentados, recorrendo a fontes bibliográficas e documentais, de natureza qualitativa. Sustentando o método dedutivo, avançou-se com uma aplicação de análise estilística ao conteúdo literário eleito, a fim de entender sua relação com o público e desvendar aspectos acerca da formação de leitores crianças e pré-adolescentes.

A leitura de um livro, sabe-se, não deve encontrar um fim em si mesma, mas proporcionar discussões e reflexões acerca da história que foi apreciada. Com base nesse raciocínio e na leitura de Maria Helena Martins (1988), recomenda-se que, após a leitura, três pontos sejam trabalhados: a atenção, o discernimento e a reflexão. A atenção consiste na capacidade que o leitor tem de se concentrar naquilo que lê; o discernimento diz respeito ao critério de julgamento e avaliação pessoal daquilo que foi lido; e a reflexão é a habilidade de transferir o texto lido para outros contextos, aplicando-o à realidade.

No primeiro caso, listam-se o assunto do livro, o nome do autor e o personagem principal. No segundo, uma justificativa de por que o autor optou por escrever a obra, qual é a relevância do assunto e como caracterizar a personagem. Por fim, reflete-se sobre o jeito que o autor escreveu, quais mudanças poderiam ser propostas, a verossimilhança das ações e o aprendizado obtido.

Para uma análise mais profunda da obra, Benjamin Abdala Junior (1995) e Cândida Vilares Gancho (2002), seguindo o modelo estruturalista de Tzvetan Todorov (1937-2017), propõem uma análise que explore o enredo, os personagens, a temporalidade, a ambientação, o narrador e os discursos utilizados. Ao se analisar o enredo, precisa-se compreender quatro elementos estruturais indispensáveis à obra: exposição (breve introdução aos personagens, à temporalidade e à ambientação); complicação (tensão gerada entre personagens devido a algum conflito); clímax (parte com maior impacto, na qual se concentram as revelações); e desfecho (consequências, solução, encerramento).

Ao se analisar um personagem, pode-se levar em consideração: participação (protagonista, mentor, adversário, escada, prêmio, aliado, vilão); caracterização física (idade, altura, peso, cor, cabelo, rosto, olhos, vestimentas); caracterização psicológica (preferência e condições sexuais, traços de personalidade, hobbies, medos, persona [aquilo que demonstra aos demais], inflação [aquilo que lhe cria barreiras], sombra [aquilo que esconde dos demais]); caracterização social (classe social, profissão, atividades sociais); caracterização ideológica (modo de pensar, filosofia de

vida, opções políticas, religião); caracterização moral (juízos de valor [bom ou mau, honesto ou desonesto, moral ou imoral, de acordo ou em desacordo com determinado ponto de vista]); e relação com os demais personagens.

Ao se analisar a temporalidade, determina-se: tempo do escritor (compreende a vida do autor, ou seja, sua idade biológica, as experiências pelas quais passou); tempo do leitor (consiste no momento em que o leitor aprecia a obra); tempo histórico (época, contexto no qual a narrativa foi produzida); tempo interno (cronológico [horários e datas] ou psicológico [devaneios, sentimentos, etc.]).

Ao se analisar a ambientação, verifica-se: espaço físico (detalhes geográficos, dados de referência e elementos de decoração, entre outros aspectos que possam complementar o cenário em que se desenrolam as ações); espaço social (abrange o contexto social, econômico e cultural do ambiente; os hábitos, costumes e valores da sociedade na qual o personagem encontra-se inserido); e espaço psicológico (o encontro dos personagens consigo próprios, quer dizer, um interior no qual podem se esbarrar com reflexões, pensamentos, divagações, sentimentos e emoções).

Ao se analisar o narrador, identifica-se: foco narrativo (1.^a ou 3.^a pessoa); tipo (narrador personagem [narrador protagonista, narrador testemunha], narrador observador [narrador onisciente, narrador onipresente, narrador intruso, narrador parcial]); e classificação (autodiegético, homodiegético, heterodiegético). Por fim, ao se analisar o discurso, checa-se a predominância e/ou as inserções de: discurso direto (o próprio personagem fala); discurso indireto (o narrador fala pelos personagens); e discurso indireto livre (há uma mescla de vozes).

Como forma de fomentar os estudos estilísticos, também se investiga a utilização de figuras de linguagem em determinados pontos do texto e reflete-se sobre sua relevância para o discurso. Ainda se propõe a comentar sobre os desdobramentos culturais que a narrativa apresenta, num diálogo extratextual e contextual com seu território e época de produção e circulação.

Resultados: dimensões narrativas e estilística em *A galinha que botava batatas*

A análise do livro se inicia com a transcrição dos dados técnicos do material. O título é *A galinha que botava batatas*, quem assina a autoria é Simone Pedersen e quem assina as ilustrações é Paulo Branco. O livro foi pertence à categoria Literatura Infantil, foi publicado em formato de brochura, com tamanho 21 cm x 21 cm (quadrado), na cidade de São Paulo,



A literatura infantil no galinheiro:
nuances poéticas em *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen

em 2011, pela Fundação Dorina Nowill para Cegos. O livro tem 35 páginas e está registrado sob o ISBN: 978-85-61257-23-1.

A exposição (Gancho, 2002: 11) se inicia com a galinha Josefina percebendo que, no lugar de um ovo, havia uma batata em seu ninho. Ela e as demais galinhas ficam desesperadas, e o galo Zé da Pena chama a menina Miranda para ajudar a desvendar o mistério. A complicação (Gancho, 2002: 11) ocorre quando Miranda assume o lado de detetive e passa a investigar por que a batata havia aparecido no lugar do ovo. Josefina, enquanto isso, mostra-se disposta a chocar a batata, na esperança de nascer algum filhote.

O clímax da narrativa (Gancho, 2002: 11) é atingido quando a pata Zica revela que, durante a noite, trocou o ovo de Josefina por uma batata, pois não conseguiu pôr ovos e tinha muita vontade de ser mãe. Reconhecendo o erro, devolve o ovo à Josefina e pede perdão. O desfecho (Gancho, 2002: 11) ocorre com as galinhas sugerindo que Zica ajude a cuidar dos pintinhos, para que não fujam ou se afoguem no lago. Miranda, após findar o mistério, leva a batata para que a mãe cozinhe e coloque na salada.

A galinha Josefina assume o posto de protagonista da história (Gancho, 2002: 14), pois todo o caso gira em torno dela. Miranda é a adjuvante (Abdala Junior, 1995: 45), pois colabora para que as ações se desenvolvam de forma positiva. A raposa, mencionada na página 4, pode ser vista como oponente (Abdala Junior, 1995: 44), uma vez que a acusam de roubar o ovo. O galo Zé da Pena é o personagem coadjuvante (Abdala Junior, 1995: 45), servindo somente como elo entre Josefina (protagonista) e Miranda (adjuvante). A pata Zica é a antagonista (Gancho, 2002: 15), pois revela ser a ladra do ovo, mesmo que reconheça o erro e o repare no final.

Ao se considerar a batata e o ovo como mais do que meros elementos cênicos, percebe-se que eles assumem o posto de personagem objeto (Abdala Junior, 1995: 44). Justifica-se: a batata é o motivo para que as ações tenham um início e se mantenham ao longo da narrativa, estando sempre ao lado de Josefina ou de Miranda; já o ovo é o alvo que a galinha e a garota almejam atingir – a primeira para ter seu futuro filhote de volta; a segunda, para concluir seu caso com mestria.

Considerando somente a protagonista, a galinha Josefina, nota-se que algumas de suas características (Gancho, 2002: 18) são concretizadas ao longo da história. Como caracterização física, destacam-se as penas ruivas, mencionadas de forma explícita na página 4; como psicológica, verifica-se um sentimento maternal, especialmente por ser galinha poedeira, mesclado com o medo de nunca mais ter seu filhote.



Como caracterização social, percebe-se que Josefina está sempre cercada de amigas no galinheiro; como ideológica, percebe-se, novamente, seu modo afetuoso de pensar e agir, ao declarar que cuidaria da batata, assumindo-a como ovo. Isso faz com que Josefina assuma a característica moral de bondosa, maternal, seguindo sempre no que pode ser considerado bom caminho, zelando pela honestidade e bem-estar do próximo.

Considerando, por outro lado, Miranda, nota-se que os detalhes de sua forma física estão sempre evidentes: braços compridos (Pedersen, 2011: 8), orelhas pontiagudas (Pedersen, 2011: 11), com mala de detetive (Pedersen, 2011: 15) e lupa (Pedersen, 2011: 21), fortalecendo a construção da personagem no imaginário do leitor. Contatada por Zé da Pena para solucionar o caso que abalou o galinheiro, sua caracterização psicológica é descrita logo no início de sua aparição, sobretudo na página 7, que a apresenta como menina esperta, estudiosa e que gosta de animais.

A caracterização social dessa personagem fica estabelecida na página 8, quando menciona que ela é uma estudante em período de férias escolares e tem mania de detetive – o que a leva a ler livros que ensinam a solucionar mistérios (Pedersen, 2011:11), consequentemente configurando sua caracterização ideológica de ser sempre indagadora dos fatos e buscando respostas para tudo. Esse modo de ser denota, ainda, sua caracterização moral, assumindo-se como honesta, especialmente quando segura Zica (Pedersen, 2011: 27) e a convence a confessar o crime.

O tempo interno à narrativa (Abdala Junior, 1995: 54-55) é evidentemente cronológico, sendo demarcado pelo período de férias escolares (Pedersen, 2011: 8), em uma manhã marcada pela chuva do dia anterior (Pedersen, 2011: 4). A história tem início às 8 horas da manhã (Pedersen, 2011: 11), quando Miranda acorda; intensifica-se às 10 da manhã (Pedersen, 2011: 15), quando Miranda começa a buscar pistas sobre o caso; e encerra-se ao meio-dia (Pedersen, 2011: 32), com o almoço. O tempo externo à narrativa é referenciado no momento em que Miranda faz uso do celular (Pedersen, 2011: 22), ação diretamente ligada ao início da década de 2010, quando do lançamento da obra.

Ainda a respeito do tempo externo à narrativa (Abdala Junior, 1995: 54), tem-se, no tempo do escritor, a longínqua experiência da autora, formada em Direito, com mestrado e doutorado em Educação (e foco na literatura infantojuvenil), participante de concursos literários e premiada em diversos cantos do Brasil e do exterior. O tempo do leitor (Abdala Junior, 1995: 54), acredita-se, tomando por base a ideia de narratário (isto é, leitor modelo que se tem ao produzir uma obra), que consiste na fase que intermeia o leitor iniciante e o leitor em processo (faixa dos 6 aos 8 anos).



A literatura infantil no galinheiro:
nuances poéticas em *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen

Sobre a ambientação da narrativa (Gancho, 2002: 23), verifica-se que o espaço físico é demarcado por um sítio, que compreende a cada de Miranda (Pedersen, 2011: 8) como o galinheiro e o caminho até o lago (Pedersen, 2011: 22). Por outro lado, o espaço social indica que é um ruralismo com traços de tecnologia, uma vez que envolve, junto aos animais de fazenda, um roupas e acessórios específicos de investigação e um aparelho de telefone celular. O espaço psicológico é representado pelos questionamentos iniciais dos bichos (Pedersen, 2011: 4) e, posteriormente, pelos questionamentos de Miranda (Pedersen, 2011: 13).

A história tem um foco narrativo em 3.^a pessoa (Gancho, 2002: 27), com predominância no narrador observador de classificação heterodiegética, visto que não há envolvimento (completo ou parcial) nem intromissões no mundo diegético confeccionado pela narrativa. O discurso, por sua vez, é predominantemente direto, demarcado pelas falas de Miranda e da bicharada, ao longo de todo o texto.

O estilo da autora (consequentemente aplicado na obra) apresenta traços instigantes, como a presença de variadas figuras de linguagem que elevam o discurso e amplificam o grau de poeticidade da obras.

A aliteração – isto é, a “repetição continuada dos mesmos sons consonantais, independentemente da posição que ocupam nas palavras, distribuídas em sequência ou com proximidade” (Henriques, 2011: 130); um “figura de realce e intencional, [...] que transcreve em sinais sonoros a unidade de visão inerente à obra de arte” (Suhamy, 1994: 77-78) – explora o nível fonético e fonológico, produzindo harmonia, como observado em trechos como:

botou uma **b**atata (título)

ver o **o**vo, por **f**avor (Pedersen, 2011: 27)

A prosopopeia, ou seja, atribuição de características animadas a seres que não são animados – em outras palavras, “tipo de metáfora que consiste em dar vida, ação, movimento ou voz a seres inanimados” (Henriques, 2011: 137) – brinca com os sentidos, avançando no sentido semântico e ressignificando a lógica tradicional, como em:

batata andar e piar (Pedersen, 2011: 16)



As interrogações – isto é, “sistema pergunta-resposta utilizado como um modo de apresentação mais atraente do que o tradicional” (Suhamy, 1994: 115) – dispostas em gradação – ou seja, a “acumulação sucessiva de palavras ou expressões que intensificam progressiva ou regressivamente uma ideia” (Henriques, 2011: 149) – gera um acúmulo de questionamentos justapostos, provocando o leitor a buscar as próprias respostas, como em:

Teria Josefina sido atingida por um raio no temporal do dia anterior? Seria Josefina uma mentirosa? A raposa teria alguma participação? (Pedersen, 2011: 4)

E se o galo estivesse mentindo? E se fosse uma brincadeira? E se galinhas botassem batatas? (Pedersen, 2011: 13)

E se tivesse um pintinho dentro dela? E se a batata começasse a andar e piar? E se a batata estivesse se sentindo abandonada? (Pedersen, 2011: 16)

A retificação – também chamada de correção ou epanortose, “reformula-se o que se disse, substituindo por uma expressão mais forte, mais cortante, mais apropriada” (Fiorin, 2016, p. 181) – também é utilizada:

aliás, a melhor (Pedersen, 2011: 7)

O truísmo – ou seja, “uma afirmação que não contém nada além do evidente e já banalizado” (Hergesel, 2013: 68) – é justificado na obra pelo efeito de humor provocado, apontando que a história traz uma problemática que vai além do evidente e do banal, como em:



Galinhas botam ovos. Batatas nascem na terra (Pedersen, 2011:7)

Batatas são batatas, ovos são ovos (Pedersen, 2011: 18)

Por fim, a antífrase – isto é, “um significado tem o seu valor invertido, abarcando assim o sentido x e seu oposto” (Fiorin, 2016: 69) – é utilizada com efeito de sarcasmo, como observado em:

Quando a mãe perguntou onde ela havia achado aquela batata, ela respondeu com ironia:
– Foi uma galinha que botou, mãe (Pedersen, 2011:32).

Como já afirmado e agora resgatado, a utilização de figuras de linguagem, enquanto recursos estilísticos que devem ser aproveitados nas produções literárias, valorizam a estética da

A literatura infantil no galinheiro:
nuances poéticas em *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen

criação verbal. Na narrativa analisada, percebe-se que tais elementos não apenas lançam provocações e propõem instigações aos leitores, mas também produzem comichões de poesia dentro de um texto em prosa – o que costumamos denominar nuances poéticas.

A obra ainda colabora com mediações culturais. A criação lexical (“batatinoso” [Pedersen, 2011: 18]) e a reestruturação de provérbio (“cacarejou de alegria” [Pedersen, 2011: 31]) são exemplos de contribuição da obra na dimensão linguística. Com respeito às contribuições sociais, a narrativa permite explorar temas como sequestro, maternidade, infertilidade, adoção e ruralismo. Existe, ainda, uma contribuição artística ao representar, por meio da ficção, um tribunal (ninguém podia sair do galinheiro, pois Miranda ouviria todas as testemunhas).

Considerações finais

Diante dos estudos realizados, infere-se que este trabalho não apenas se preocupou em analisar uma obra de literatura infantil pela ótica dos estudos da narrativa, como também propôs uma verificação das contribuições de Simone Pedersen para a literatura infantojuvenil contemporânea brasileira, observou as dimensões educativas do discurso apresentado em *A galinha que botava batatas*; e explorou as mediações culturais da narrativa da respectiva obra.

Percebeu-se, inicialmente, que a referida autora vem se despontando e caracterizando-se como artista renomada, sobretudo no segmento infantojuvenil, uma vez que suas premiações e indicações a institutos consagrados endossam o fato. Também notou-se que suas obras trazem um conjunto narrativo completo, motivação para serem trabalhadas em sala de aula, explorando não apenas os aspectos literários e linguísticos, como também as contribuições culturais existentes.

Confirmou-se a literatura infantojuvenil tem forte pertinência para despertar no jovem leitor seu lado crítico, atingindo, por meio das palavras, seu potencial cognitivo, comunicacional e psicológico, além de contribuir para a desenvoltura social, histórica, linguística e cultural do cidadão. Com isso, concluiu-se também que uma análise que vise a investigar o potencial comunicativo e a relevância cultural de uma obra contemporânea nacional dedicada a esse público mostra-se como exercício de significativa colaboração para fomentar os estudos acadêmicos a esse respeito.

Referências bibliográficas

- Abdala Junior, B. (1995). *Introdução à análise narrativa*. São Paulo: Ática.
- Amorim, G. (2008). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Instituto Pró-Livro.
- Aristóteles. (1999). “Poética [séc. IV a.C.]”. En Os Pensadores. *Aristóteles* (pp. 37-75). São Paulo: Nova Cultural.
- Aristóteles. (2005). *Retórica [séc. IV a.C.]* (2. ed.). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda; Universidade de Lisboa.
- Bally, C. (1905). *Précis de stylistique: esquisse d’une methode fondée sur l’étude du français moderne*, Genebra: A. Eggimann.
- Bally, C. (1909). *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck.
- Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (7. ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Brädling, K. L. (2003). *Leitura na escola: a chave que se espera para leitura e formação de leitores*. Edelbra. Consultado o 04 de maio de 2019, <https://bit.ly/2ZW3AiX>.
- Bretas, B. (2006). “Interações cotidianas”. En França, V. and Guimarães, C. (Orgs.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano* (pp. 29-42). Belo Horizonte: Autêntica.
- Cavéquia, M. A. P. (2010). *Breve panorama da Literatura Infantil e Juvenil no Brasil*. São Paulo: Abrale.
- Fiorin, J. L. (2016). *Figuras de Retórica*. São Paulo: Contexto.
- França, V. (2006). “Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação”. En França, V. and Guimarães, C. (Orgs.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano* (pp. 61-88). Belo Horizonte: Autêntica.
- Gancho, C. V. (2002). *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática.
- Guiraud, P. (1978). *A estilística* (2. ed.). São Paulo: Mestre Jou.
- Henriques, C. C. (2011). *Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Hergesel, J. P. (2013). *Estilística cibernética*. Guaratinguetá: Penalux.
- Hergesel, J. P. and Ferraraz, R. (2017). “Estilística: uma possível metodologia para análise de narrativas televisivas”. *Triade: Comunicação, Cultura e Mídia*, 5, 18-33.
- Leal, B. (2006). “Saber das narrativas: narrar”. En França, V. and Guimarães, C. (Orgs.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano* (pp. 19-27). Belo Horizonte: Autêntica.



A literatura infantil no galinheiro:
nuances poéticas em *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen

- Lima, Adalberto (2007). *Como surgiu a literatura infantojuvenil*. Recanto das Letras. Consultado o 04 de maio de 2019, <https://bit.ly/2DPhxWr>
- Magnani, M. R. M. (1994). *Leitura e formação do gosto (por uma pedagogia do desafio do desejo)*. En Série Ideias, 13 (pp. 101-106). São Paulo: FDE. Consultado o 04 maio de 2019, <https://bit.ly/2H0eWe8>
- Martins, M. H. (1988). *O que é leitura?* (9. ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Martins, N. S. (2008). *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa* (4. ed. rev.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Melo, J. B. (2011). *Lanterna mágica: infância e cinema infantil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Morais, F. (Coord.). (2006). *Bau de Leitura: a experiência do projeto Fazer Valer os Direitos em Alagoas*. Brasília: UNICEF Brasil.
- O'Sagae, P. (2008). *Ler é combinar textos*. Blog Peter O'Sagae. Consultado o 04 de maio de 2019, <https://bit.ly/2Y7gzN2>
- Pedersen, S. (2011). *A galinha que botava batatas*. São Paulo: Fundação Dorina Nowill.
- Rojo, R. (2004). *Letramento e diversidade textual*. Salto para o Futuro. TV Escola. Consultado o 04 de maio de 2019, <https://bit.ly/2Vffm9l>
- Spitzer, L. (1968). *Lingüística e História Literaria* (2. ed.). Madri: Gredos.
- Suhamy, H. (1994). *As figuras de estilo*. Porto: Rés.
- Todorov, T. (1982). *A gramática do Decameron*. São Paulo: Perspectiva.